

CARTAS E POEMAS DE MURILO MENDES: BREVE NOTÍCIA

*Tânia Franco Carvalhal**

RESUMO

Neste texto quer-se dar conta da existência de um material inédito composto de treze cartas e de sessenta e cinco poemas de Murilo Mendes enviados a Guilhermino Cesar. A valiosa documentação constituirá uma edição comentada, com a reprodução integral do material. A análise da primeira das cartas, datada de 26 de dezembro de 1928, expressa o interesse desses documentos não só para o estudo da obra de Murilo Mendes mas para a poesia brasileira em geral.

Palavras-chave: Murilo Mendes; Guilhermino Cesar; Correspondência; Poemas inéditos.

Praia Botafogo ____ 400.

Rio de Janeiro, 26.12.28.

Ao Guilhermino Cesar e
ao Fco. Peixoto,¹

Chegando de Petrópolis onde fui passar alguns dias encontro na minha mesa o livro de vocês. Lhes agradeço a boa lembrança _li o livro com toda a atenção e achei que a gente deve esperar muito de vocês_ Sinto não ter autoridade (aparente) pra lhes dizer alguma coisa _talvez mais tarde _em todo o caso acho que o problema brasileiro, integrar-se no universal _ essa é a grande tendência que anda agora no ar.

Em retribuição aqui têm vocês alguns dos meus poemas que poucos conhecem _ escolhidos das dezenas e dezenas que enchem as gavetas,_ não que sejam dos melhores _ mas porque são os únicos de que tenho cópia____.tudo quanto escre-

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ Trata-se de Francisco Inácio Peixoto em parceria com quem Guilhermino Cesar publica um primeiro livro de poesias, *Meia-Pataca*, Cataguases, Verde Editora, 1928.

vo é terrivelmente impessoal _ nunca me fixei até agora ___nem quero_ não sou um homem² ___sou dezenas deles.
Me mandem outros poemas_ me interesso pela evolução de vocês.
Notícias do Henrique?³
Aperto de mão do

Murilo Mendes.

Transcrevo aqui a primeira das cartas que Murilo Mendes (1901-1975) escreveu a Guilhermino Cesar (1908-1993), mineiro como ele. Inicialmente, Guilhermino é o amigo a quem Murilo envia poemas, retribuindo publicações que recebe. Mais tarde, já em 1930, quando Guilhermino assume o cargo de Auxiliar de gabinete de Mário Casassanta, diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais, e torna-se responsável pela página literária do jornal **Estado de Minas**, em Belo Horizonte, Murilo lhe envia poemas para publicação. Nesse periódico, na seção “Vida Social”, com o subtítulo de “Para ler e cortar”, Guilhermino publicava poemas e notas críticas de vários autores. Ali encontramos textos de Carlos Drummond de Andrade (assinando Antonio Crispim), de Augusto Meyer, de João Alphonsus, de Cyro dos Anjos, de Ribeiro Couto, de Rosário Fusco, de Murilo e do próprio Guilhermino, entre outros.

O jornal não circulava às segundas-feiras e tinha suas seis páginas diárias acrescidas para dez, nos domingos. Os poemas eram publicados em uma pequena coluna, à esquerda e no alto da página e em qualquer dia da semana.

A leitura do jornal, de 1928 a 1931, permitiu identificar cinco poemas de Murilo ali publicados, um em 1930 e os demais no ano seguinte. São eles: “Saudação a Julio Verne” (em 5 de junho de 1930), “Coração do povo” (em 12 de abril de 1931), “Oportunidade” (em 19 de maio de 1931), “Fui no Tororó” (em 27 de maio de 1931) e “O anjo da ordem” (em 4 de setembro de 1931). Nestas publicações o nome do poeta aparece completo: Murilo Monteiro Mendes. Os cinco poemas reproduzidos estão nas cartas enviadas a Guilhermino e não integram a edição de Murilo Mendes – **Poesia completa e prosa** da editora Nova Aguilar, organizada por Luciana Stegagno Picchio (1994). Como esses, muitos outros dos 65 poemas remetidos ali não estão, o que nos leva a formular a hipótese de seu ineditismo.

Vê-se pelo conteúdo das cartas, por suas datas e, sobretudo, pelos poemas publicados que as duas primeiras encaminhavam texto para conhecimento dos amigos, na expectativa de crítica e/ou publicação em outros veículos que não o jornal **Estado de Minas**. Um deles, intitulado “Canto Novo”, aparecerá na revista **Verde**, ano 1, n. 1, maio de 1929, p. 8, também do grupo de Guilhermino Cesar em Cataguases.

² Assim está grafada na carta a palavra “homem”, grafia que se manterá em alguns poemas dessa época.

³ Trata-se de Henrique de Rezende, amigo dos dois autores.

Mas atentarmos para o veículo de publicação nos possibilita ainda contextualizar os poemas pelas circunstâncias de época. Os anos de 1928 a 1931 são de intensa mobilização política no país e as páginas do jornal a registram. Percebe-se, também, que Murilo extraía matéria do seu cotidiano e muitos poemas são movidos por fatos divulgados na imprensa.

SOBRE A PRIMEIRA CARTA

A carta inicialmente reproduzida, remetida do Rio de Janeiro, está em papel timbrado do Banco Mercantil, onde Murilo Mendes foi escriturário. O timbre e o papel registram, portanto, uma experiência cotidiana que será figurada em “Modinha do empregado de banco”, inserida em “Ângulos”, segunda parte do livro **Poemas**, de 1930. Há no cabeçalho a indicação de endereço: “Praia Botafogo – 400”, que nos remete ao verso de “Mapa”: “no meu quarto modesto da Praia de Botafogo” e ao cenário de outros poemas do livro inicial (**Idílio unilateral**, por exemplo).

Esta é a primeira de uma série de treze cartas com 65 poemas que Guilhermino Cesar guardou em uma pasta cinza, com a indicação: “Murilo Mendes. Cartas e poemas”, documentação preciosa que, com autorização de Maria da Saudade Cortesão Mendes, viúva do poeta, e de Guilhermino Augusto Cesar, filho do escritor, analiso para uma edição em preparo.

As cartas são de 1928 a maio de 1930. Apenas as duas primeiras foram enviadas do Rio de Janeiro, as demais são de Pitangui, em Minas Gerais, e uma única de Belo Horizonte mesmo.

São as cartas de 1930 as que contêm maior número de poemas, embora o poeta, desde a primeira missiva, indique uma produtividade intensa que se confirma na sua bibliografia.

Alguns dos poemas enviados nas primeiras cartas integram o livro inaugural de Murilo, **Poemas (1925-1929)**, publicado em Juiz de Fora, em 1930, recebendo naquele mesmo ano o prêmio Graça Aranha de poesia.

É do ano seguinte (1931) o conhecido artigo de Mário de Andrade, “A poesia em 1930”, no qual o crítico seleciona quatro livros como exemplares da produção literária do ano. Mário dirá: “as lições literárias do ano. Quatro livros de poetas na força do homem”.

O livro de Murilo divide o espaço da crítica de Mário com **Alguma Poesia**, de Carlos Drummond de Andrade, com **Libertinagem**, de Manuel Bandeira e com **Pássaro Cego**, de Augusto Frederico Schmidt. Sobre o livro de Murilo, Mário comenta:

Historicamente é o mais importante dos livros do ano. Murilo Mendes não é um *surréaliste* no sentido de escola, porém me parece difícil da gente imaginar um aproveitamento mais sedutor e convincente da lição sobrerrealista”. [...] É inconcebível a leveza, a elasticidade, a naturalidade com que o poeta passa do plano do corriqueiro pro da alucinação e os confunde. [...] E aqui lembro a contribuição nacional admirável dele. Impenetrável, visceral, inconfundível, há brasileiro tanto constante no livro dele, como em nenhum outro poeta do Brasil. Realmente este é o único livro brasileiro da poesia contemporânea que sinto impossível a um estrangeiro inventar. Todos os outros, com maior ou menor erudição, maior ou menor experiência pessoal, qualquer homem do mundo teria feito. (Andrade, s/d, p. 42-45)

Na seqüência, Mário identifica a poesia de Murilo com a pintura do pernambucano Cícero Dias, a quem Murilo dedica um poema em seu primeiro livro,⁴ reunindo-os em uma mesma designação de “líricos admiráveis”. Para ele,

formam ambos o que tem de mais rico e de mais novo na arte brasileira de agora: uma parêntese esplêndida que difama os cânones e conceitos da Arte, que mata a Arte no que ela tem de mais pernicioso e inerente: o indivíduo mentindo, a diferenciação das obras, a singularização dos valores, e o famoso, verdadeiro e estupidíssimo “golpe de gênio”. (Mendes, 1994, p. 101)

Os comentários críticos de Mário de Andrade servem aqui de estímulo para uma avaliação do conteúdo da primeira carta de Murilo. Em especial na passagem em que o poeta mineiro se refere “ao problema brasileiro, integrar-se no universal – essa é a grande tendência que anda agora no ar”. Ressalte-se que Mário e Murilo tomam como parâmetro crítico o traço de “brasilidade” e a articulação desse com o de universal. Com efeito, “andava no ar” a questão de “ser universal sendo brasileiro” e de como o elemento nacional deveria ser objeto de afirmação.

Desde 1925 pelo menos sabe-se que Mário de Andrade discutia a questão. Em carta a Drummond, que lhe expressara um “apertado dilema”: nacionalismo ou universalismo, Mário vai formular o problema com lucidez. Segundo Drummond, “o nacionalismo convém às massas, o universalismo convém às elites”. Mário, categórico e antecipador, dirá:

Tudo errado. Primeiro: não existe essa oposição entre nacionalismo e universalismo. O que há é mau nacionalismo: o Brasil pros brasileiros – ou regionalismo exótico. Nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional. O que mais simplesmente significa: Ser. (Andrade, 1982, p. 14-15)

Nesse mesmo texto, Mário empregará a metáfora das raças como “acordes musicais” para explicar que quando “nós formos inteiramente brasileiros e só brasileiros a humanidade estará rica de mais uma raça, rica numa nova combinação de

⁴ Veja-se “Glória de Cícero Dias”. In: Murilo Mendes (1994, p. 101).

qualidades humanas. [...] Quando realizarmos o nosso acorde, então seremos usados na harmonia da civilização”. Mais adiante, insistirá na mesma idéia, criticando a fase de mimetismo: “Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo, pra fase da criação” (Andrade, 1982, nota 4, p. 16).

Por outro lado, Augusto Meyer, neste mesmo ano de 25, escreve dois artigos antológicos no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, intitulados respectivamente de “Individualismo e Brasilidade” e “Brasileirismo e Reforma Poética”, a ser completado por outro, no ano seguinte, intitulado “Regionalismo contra Brasilidade”. Observe-se que a discussão entre as noções de regionalismo e brasilidade estão relacionadas também com a relação entre ser brasileiro e ser universal.

Também em outra carta a Drummond, esta de 18 de fevereiro de 1925, Mário de Andrade retoma a questão, dizendo que “o que representa o Brasil não é a sua parte exótica até pra nós e que não colabora no presente universal, mas a forma cultural que pode adquirir a nacionalidade no desenvolvimento de si mesma. O que é exótico serve apenas de condimento”. (Andrade, 1982, nota 4, p. 27)

Certamente Murilo alude a esse tipo de discussão, pois eram problemas que, como ele diz, “andavam no ar”. Nesse sentido, sua carta de 1928 registra uma questão que preocupava de maneira central a crítica e a produção literária do momento e pode ser lida como documento de época.

Além disso, é de observar que ao fazer seu comentário crítico aos dois poetas de Cataguases, Murilo adota uma postura discreta com relação a si próprio – “Sinto não ter autoridade (aparente) pra lhes dizer alguma coisa – talvez mais tarde”. Embora seis anos mais velho que Guilhermino não se sente “autorizado” a orientar (papel que, na época, era devidamente ocupado por Mário de Andrade) e reconhece que está ainda em formação. No entanto, não se exime de elogiar e de estimular os amigos. É certamente o livro de 30 que lhe dará a segurança de autor publicado, difundido e comentado. Em 1928, Murilo parece ainda seguir o que dirá Mário aos jovens poetas na crítica de 1931: “Escrevam se quiserem, mas não se envolvam” (Andrade, 1982, nota 4, p. 28).

Como se denota da carta, os poemas enviados são “em retribuição”, escolhidos entre as “dezenas deles” que guarda na gaveta. A escolha não é seletiva, pois explica que são os únicos de que tem cópia.

Importante ressaltar os comentários finais de Murilo em relação a sua própria poesia. Em atitude de auto-avaliação, diz que tudo quanto escreve é “terrivelmente impessoal” e sem fixação em determinados temas, pois “nunca me fixei até agora – nem quero – não sou um omem (sic) – sou dezenas deles”.

De acordo com o autor, a dispersão corresponde a uma multiplicidade inte-

rior, a uma divisão psicológica que estará registrada depois no livro de 1930, quando diz que é

A luta entre um homem acabado
E um outro homem que está andando no ar

Há, portanto, uma oposição radical entre a figura “fixada” e a outra, “dispersa”, alada, que se esvai (poderíamos dizer, que se multiplica infinitamente).

Não podemos deixar de associar aos versos de Murilo e especialmente ao que ele escreve na carta de 1928 o poema de Mário de Andrade que abre **Remate de Males** e é datado de 7.VI.1929, “Eu sou trezentos...”

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo... (Andrade, 1966, p. 157)

Igualmente cabe retomar o artigo de Mário sobre a poesia em 1930 no trecho em que refere ao “não-me-amolismo meio gozado” responsável por alguns momentos significativos da poesia brasileira da época. Como dirá ali: “Em última análise, o tema do ‘vou-me embora pra Pasárgada’, é o mesmo que está cantado nas **Danças**, de Mário de Andrade, e em especial é o que dita o diapasão básico de **Poemas de Bilú**, de Augusto Meyer.⁵ Percebe-se o eco dele em alguns poemas de Sergio Milliet e de Carlos Drummond de Andrade, “*pra enfim se transformar de estado-de-espírito em constância psicológica, já independente da consciência, em toda a obra de Murilo Mendes*” (Andrade, 1982, nota 4, p. 32; grifo meu).

Pode-se dizer que Mário de Andrade, em crítica sensível e certa, percebeu o “estado-de-espírito” que Murilo manifesta ao final da carta de 1928 e que marcará ainda toda sua obra. Importa delimitá-lo ali, antes do livro publicado, nos poemas produzidos “às dezenas”, tão vários e múltiplos como o próprio poeta.

Não é possível concluir esta “breve notícia” sem referir a importância do conjunto dos manuscritos das cartas e poemas, considerando sua grafia. Dir-se-ia que Murilo “desenha” a escrita, variando seu traçado de peça a peça, como varia também sua assinatura, como se desejasse, por vezes, ocultar-se sob escrita alheia, sem se deixar identificar. Ou, talvez, essa variação corresponda à multiplicidade de formas de ser que se querem expressar por letras diversas. Observe-se, ainda, que Murilo não adota vírgulas (há apenas uma em toda a carta),⁶ mas as pausas são marcada por traços (uns mais breves, outros mais longos) como se quisesse imprimir à frase uma contagem de verso, marcando seu ritmo. O estudo da grafia torna-se,

⁵ Lembre-se que o livro de Augusto Meyer é publicado também em 1930.

⁶ Justamente para separar “o problema brasileiro” da expressão complementar “integrar-se no universal”, não para estabelecer uma pausa respiratória de leitura.

portanto, necessário, abrindo uma perspectiva de estudo da articulação entre a letra e o desenho e da relação de Murilo com a pintura.

O conjunto de cartas ganha, assim, importância em si mesmo, e não apenas como fator de mediação para a remessa de poemas. Sua leitura nos conduz à poesia brasileira, ao momento vivido pelo poeta e à totalidade de sua obra em que poemas enviados nas cartas são presença dispersa e ausência. Interessa indagar por que a seleção do autor suprimiu alguns poemas, qual a ordem em que outros foram aproveitados, que associações é possível estabelecer entre os textos publicados e os poemas perdidos (e agora achados).

RÉSUMÉ

Cette étude veut diffuser l'existence d'un matériel inédit, composé de treize lettres et soixante-cinq poèmes de Murilo Mendes envoyés à Guilhermino Cesar. Cette précieuse documentation sera éditée intégralement dans un volume commenté. L'exemple de la première de ces lettres, datée du 26 décembre 1928, exprime l'intérêt de ces documents pour l'étude de l'oeuvre de Murilo Mendes et aussi de la poésie brésilienne en général.

Mots-clé: Murilo Mendes; Guilhermino Cesar; Correspondance; Poèmes inédits.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A lição do amigo*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1966.

PICCHIO, Luciana S. *Murilo Mendes: poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.